

CRÓNICA
Masculina



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 12 — 23-11-1957

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

Campanha reaccionária

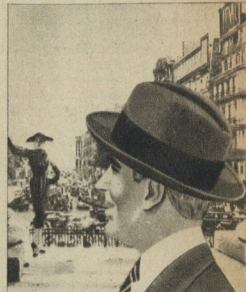
DE todas as ingenuidades do homem a mais persistente e também a mais ousada é a de acreditar na eficácia da palavra impressa.

Procedentes de vários pontos do País e até de terras do Brasil e de Espanha, chega-nos todas as semanas à mão verdadeiro caudal de epistolas, endereçadas ao director ou (o que é mais comum) destinadas à secção «Os leitores escrevem». Rubricam-nas pessoas desejosas de, servindo-se do veículo chamado Imprensa, transmitirem a outrem luminosas mensagens que se esforcem por depôr no património universal das ideias.

A última epistola entregue pelos srs. correios não vinha, porém, metida em sobrescrito fechado a lacre vermelho; era um postal anónimo, colorido por vaga ilustração e com o texto devassado. Escrito em nome pessoal do nosso director, fora minutado em tom de clarim reaccionário, tinha o aspecto do panfleto feito em série, precursor de revoluções pessoais, no emprego ou nos negócios, o chapéu é o símbolo do homem distinto que alia a distinção a uma personalidade bem vinculada. Estes dizeres vinham em caracteres de Guttenberg, mas o labor quilográfico do nosso correspondente exercitado no ângulo direito, aconselhava-nos a aderir e arregimentar adeptos: «Além de constituir excelente protecção contra os rigores do tempo, o chapéu é nota final de categoria e de bom gosto que coloca quem o usa acima da média vulgar». O desconhecido autor da missiva, certamente, deixara-se instigar por um destes factores: o conhecimento privado que tem do director da «Crónica» ou o partidarismo conivente numa campanha em marcha. Mas o seu proselitismo, cegador, pela nova moda não o deixara atentar numa coisa: em que se todos usarem chapéu, as personalidades se apagam e as distinções se fundem no trivial de Lineu.

Que o chapéu se torne o inestimável protector das calvas ilustres, estamos de acordo; agora quem possui ornamento piloso em grande cópia deve mostrá-lo, deve exibi-lo para o mundo ver.

Não, não apadrinhámos a campanha nem cedemos estas colunas àqueles que só têm cabeça para trazer um «diplomata» de abas a arcar. Jovens, que somos, preferimos andar de cabelo ao léu — e preferimos ainda que, por hipótese a nossa moleirinha se assemelhasse às bolas de bilhar. Tiremos o chapéu!...



Na Terra das Raposas Brancas

1 — Uma velha esquimó pavoneia-se, por brincadeira, com duas peles de raposas brancas, mortas pouco tempo antes na sua terra de neve, nas margens da Baía Spence, no Canadá.

Na realidade, nas terras das raposas brancas, onde os homens as matam às centenas, para se defenderem dos seus ataques, as mulheres esquimós ignoram o aprego e o uso que as mulheres civilizadas delas fazem.

2 — Um esquimó Dorset dirige-se ao campo fixo da «Companhia Comercial da Baía do Hudson», dirigida por brancos canadenses, para vender a sua parte de peles de raposas brancas, caçadas não muito longe, no istmo da península Boothia.

O esquimó aqui fotografado transporta consigo cerca de cento e vinte peles, que podem representar para ele tudo o que conseguiu caçar durante uma época.

A península Boothia está situada no Ártico, entre o estreito de Ross (a Oeste) e o profundo golfo de Boothia (a Leste); num local da sua margem ocidental encontra-se o «polo norte magnético».



Pequeno problema

Duas mães e duas filhas são convidadas para jantar. Quantos convivas terão os seus amigos?

Terão de receber três pessoas, porque se trata de uma mulher que está com sua mãe e sua filha, o que implica serem duas mães e duas filhas em três pessoas.

Resposta:



Seguro «contra-gêmeos»!

A senhora Jean Blechman, de 29 anos de idade, que já deu à luz dois pares de gêmeos masculinos em 1951 e 1953, mal notou estar à espera de nova maternidade, fez um contrato de seguro contra o risco de um terceiro parto de gêmeos. Na fotografia, Jean Blechman está em sua casa de Freeport (Estado de New York), com o marido, de 33 anos de idade e com os seus quatro gêmeos.

O «Lloyd's de Londres» aceitou dos Blechman um prêmio de seguro de 1.875 dólares (cerca de 56 contos), com a condição de pagar 25 mil dólares (uns 750 contos), se Jean Blechman tiver, em Junho próximo futuro, mais um par de gêmeos.

CATERINA VALENTE

A cantora Caterina Valente (de origem italiana, mas que venceu na Alemanha, onde se têm vendido milhões de discos gravados por ela) chegou ao cinema. Continuando a sua carreira internacional, interpreta agora um filme francês, intitulado «Casino de Paris», dirigido por André Hunebelle.

A bela Caterina, que o público de Lisboa também já viu no cinema, será a protagonista absoluta do filme.

Na altura em que tirou esta fotografia, em Paris, festejava a primeira volta de manivela de «Casino de Paris» e o dia do seu aniversário natalício.





A HISTÓRIA SENTIMENTAL do PORCO

certas criaturas tomando-os das condições dos animais, nossos «irmãos menores».

«Hoje, embora apressadamente, propomo-nos escrever em honra e reabilitação do animal mais caluniado da terra: o porco (que ele nos perdoe a insistência em tratá-lo assim). Vamos recordar a sua história emaltada de factos verdadeiramente notáveis».

O parágrafo que acabais de ler, foi transcrito de um Livro de Horas do século XVI, o qual insere graças miniaturas, e serviu ao jornalista francês A. Selpal de introdução à sua interessante e original biografia do porco, que oferecemos a seguir aos nossos leitores.

ORIGINÁRIO da Ásia Central, de uma região vizinha do lugar que, segundo se crê, foi o Paraíso Terreal de Adão e Eva, o cerdo, o fochinhado porco, teve, desde o começo da sua estirpe naquelas adustas paragens, de clima ardente, reputação lamentável. Não é difícil imaginar que tal «criatura» foi um dos primeiros animais domésticos que conviveram com os homens.

De facto, é nos climas cálidos, que vive feliz esse quadrúpede preguiçoso e negligente. Os chineses, por exemplo, têm-no em grande apreço, olham-no com afecto e sem apreensões. Ao contrário, embora sejam também países cálidos, na Arábia e na Índia e em outras nações do Oriente o porco é considerado animal imundo e impuro.

Com o florescimento da civilização ocidental das margens do Mediterrâneo a situação do porco melhorou. Na Grécia reserva-se-lhe um lugar de honra, de predilecção e um papel muito importante na purificação. Na velha Hélada, quando um criminoso, em sinal de arrependimento, desembainhava a espada e dapunha no solo, numa mansão honrada, o dono da casa, matava um porquinho novo e fazia com que o delinquento esfregasse as mãos com o sangue quente do animal para se purificar dos seus pecados.

Os romanos também consideravam o porco um animal digno de ser imolado na Ara dos sacrificios aos Deuses pagãos. Para firmar um tratado de paz com carácter sagrado, imolava-se no Templo de Júpiter um porquinho jovem. Colocado o animal sobre uma lâmina de ouro, o sacerdote pronunciava as frases do ritual: «Se se romper este contrato, que Júpiter nos mate como eu esquartero este porco».

Sir James Flazer, o eminente folclorista, escreve que tal costume da Roma pagã se verifica, ainda, actualmente em certas vilas e aldeias selvagens.

Os romanos, grandes comedores de toucinhos e

fiambres, manufacturavam em larga escala, nas Gálias, todos os produtos do porco, e eram considerados os maiores devoradores das gorduras do animal.

«A Gália — escreve Estrabão — matou tantos porcos que tornou seus consumidores não só os habitantes de Roma, mas as gentes da Itália inteira».

Estrabão legou-nos uma descrição exacta dos currais dos porcos das Gálias, porcos que tinham força extraordinária: eram grandes, gordos, anafados, e entre eles havia exemplares furibundos cuja ferocidade se semelhante a lobos.

O historiador Políbio, que viveu um século antes de Estrabão, também nos conta os progressos já então alcançados pelos homens das Gálias no exercício da sua indústria e fala-nos da curiosa inteligência das varas de porcos que entendiam os toques de corneta e os sons das avenas que os pastores manejavam para os conduzir ou recolhê-los.

As imensas florestas gálicas estavam então todas cobertas de belotas caídas das numerosas azinheiras, para o pasto do porco e era tal a sua cópia que o Grão Jerarca Aussy teve de observar minuciosamente a utilidade daquelles frutos e do religioso respeito que os gauleses professavam aos azinheiros.

NA ERA CRISTÁ

Na era cristã o porco decaí como símbolo e passa a ser considerado o emblema dos maus espíritos, alegoria da licenciosidade e da luxúria.

Reza o Evangelho que, com a sua aquiescência e a permissão de Jesus Cristo, os Demónios entravam na carnalidade sucia dos porcos, suscitando o susto e o quebranto dos seus proprietários.

S. João Crisóstomo afirma que os Demónios possuidores da Stragira apareciam sob a forma de um grande porco coberto de imundícies. S. Gregório, o Grande, escreve que «o Diabo grunhe como uma vara de porcos». E acrescenta: «Vi muitas vezes sobre os capiteis romanos porcos como símbolo da sensualidade, sublinhando as palavras evangélicas. «Não deiteis pérolas aos porcos», frase que no velho latim eclésiástico soava assim: «Nolite mittere margaritas ante porcos».

Este grande próloquo latino deu origem a um chiste histórico, atribuído ao Cardeal de Bourbon. Na presença dos burgueses de Santa Chedagos para anunciar a visita de Margarita (Margarida) de Borgonha, sua Eminência inclinou-se para o Bispo de Santa Jenoveva e disse-lhe ao ouvido: «Estes embaixadores que nos envia o Arquiduque de Austria para receber Margarita

de Borgonha, decididamente, não me agrada-mo muito». O bispo redarguiu: «Vossa Eminência perderá talvez a elegância em contacto com os seus modos grosseiros...» E acrescentou: «Parece adquirir forma a frase de Margaritas ante porcos...» Ao que o Cardeal, com o seu fino e inteligente sorriso, exclamou, sempre em voz baixa e discretíssimo: «Ponde a frase ao contrário, Para acertar: Porcos ante Margarita».

Embora escarnecido e difamado, o porco não está proscrito das cozinhas cristãs; não é desprezado nos «menus» dos católicos. Nos conventos, em especial nos das monjas a sua carne é considerado manjar de bom alimento. «O consumo das febras de porco é reputado excelente quer nos refeitórios de monges como nos das freiras, as quais pelas leis por que se regem consomem gorduras quase todo o ano em manjares em que abundam principalmente as



verduras e as frutas. «Isto escreve o João Aussy no seu estilo minucioso e alegre». E acrescenta: «Nos conventos é costume borriifar as ervas, os legumes e os caldos com banha. Antes de se servirem as verduras põe-se na mesa um vaso com suco de carne. Compreende-se, pois, o contingente de porcos abatidos pelos religiosos especialmente nos claustros cujas regras não têm muito comestíveis».

LIBERDADE DESEJADA, MAS PERIGOSA

Épocas houve em que os porcos pululavam livremente pelas povoações, onde faziam officeiro de autênticos esterqueiros.

No ano 1131 o presuntivo herdeiro da coroa de França, Filipe, filho de Luís, o Gordo foi vítima de um porco em liberdade

«Como em nosso orgulho nos julgamos muito importantes, censuramos a tua sujidade e o teu barro, admirável, ro-sado porco, animal rei..., querido anio.

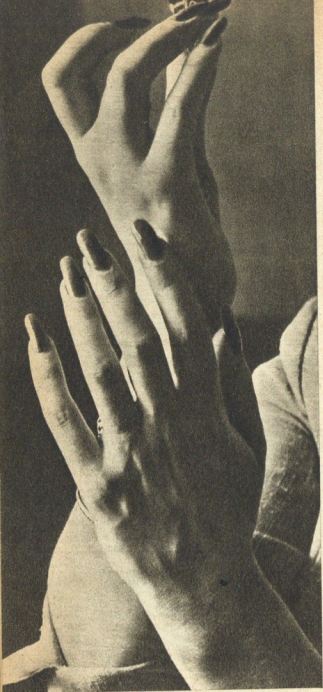
CARLOS MONSELET.»

*

EXISTEM animalzinhos para os quais adoptamos, uma atitude inconsiderada. Injustiça imperdoável cometemos continuamente contra certos seres para os quais, só o nome que lhes damos constitui insulto. Por que motivo ao camelo, quadrúpede manso, dócil, servicial e útil o consideramos, injuriosamente, como similar do desabrido e bruto? Por que razão ao asno, animalzinho inteligente que serve o homem, de estampa evocadora, evangélica, de Nosso Senhor Jesus Cristo, o tomamos como símbolo da incapacidade mental, chamando burro ao imbecil e estúpido. E, Senhor... porque será que ao rosado porquinho, ao qual se devia pedir perdão quando se nomeia, constitui denegrente adjetivo para designar os sujos e desalinhadors?

Poderíamos talvez, últimamente, escrever muito, sobre essa personificação de defeitos e vícios humanos que atribuímos a

(Continua no próximo número)



AS MAIS BELAS MÃOS DO MUNDO

ESTAS são as mãos de Yvonne Sargent, as mais belas mãos do mundo.

Yvonne lava as mãos umas doze vezes por dia, e quando sai a passear leva sempre na malinha um boião de cremes, preparada para todas as circunstâncias, pois algo de inesperado pode acontecer-lhe às preciosas mãozinhas. A jovem luta

com sérias dificuldades para manter sempre cuidadas as compridíssimas unhas.

É quase desnecessário acrescentar que as mãos de Yvonne estão no seguro.

Mal desperta, Yvonne toma a primeira refeição sem tirar as luvas. Não as descalça nem sequer para cumprimentar os amigos ou conhecidos.

Conseguimos, até aqui, não fazer nenhum comentário. E vamos ainda dar mais algumas informações:

Continuando a falar de luvas, Yvonne também não as tira quando toma banho, nem quando fuma (por causa das marcas da nicotina), nem quando lê os jornais (para não se sujar com a tinta de impressão...)

É claro que não cozinha e, pelos vistos, também não deve trabalhar...

Nota: As mãozinhas... de vaca servem, ao menos, para um belo guisado.



VERDADEIRO OU FALSO?

1. — Leonardo da Vinci era um arquitecto da época da Renascença.

2. — Saturno era filho de Júpiter.

3. — Os japoneses escrevem da direita para a esquerda.

4. — Os pelicanos vivem no litoral das regiões nórdicas.

5. — «O Capitão Fracasse» é um romance de Alexandre Dumas.

6. — O camaleão fica com a cor do objecto sobre o qual repousa.

6. — Falso. As mudanças de cor do camaleão dependem da temperatura, da sua saúde e de outros factores, sem qualquer ligação com a cor da superfície sobre que repousa.

5. — Falso. Esse romance é de Theophile Gautier.

4. — Falso. Vivem nos grandes lagos das regiões temperadas e quentes.

3. — Verdadeiro.

2. — Falso. Júpiter é que era filho de Saturno.

1. — Verdadeiro. Foi não só um grande pintor, como arquitecto, engenheiro, médico, escritor, etc...

RESPOSTAS:



A filha das "estrelas"

Stewart Granger tem quarenta e três anos, e Jean Simmons vinte e sete. Nasceram ambos em Inglaterra. Casaram-se em 1950. A pequenina Tracy é a primogénita. De um matrimónio anterior, Stewart tem dois filhos. Um dos mais recentes filmes de Stewart Granger é «A última caçada», que já vimos no Cinema Império; Jean Simmons trabalhou ultimamente em «Guys and Dolls» («Eles e Elas», em português), ao lado de Marlon Brando.

Stewart e Jean levaram os fotografos a sua casa, para as primeiras imagens oficiais da pequenina Tracy. A filha dos dois famosos artistas ingleses nasceu em Setembro passado, e foi baptizada «Tracy» em honra de Spencer Tracy, o padrinho.

Nos próximos meses, os dois artistas deixarão a filha na vivenda de Hollywood, aos cuidados de uma «nurse», pois partirão para o México, onde trabalharão juntos numa nova produção.

Fique-se com esta!



A palavra moeda vai deixar de ter qualquer significado nos Estados Unidos da América onde se está a estudar a possibilidade de substituir o papel das notas de banco por nylon.

Três coisas há em que as mulheres sobrelévam os homens: enfiar agulhas, caçar pulgas e falar três horas seguidas sem dizer nada.

Os industriais do cinema americano, que sofre a intensa concorrência da televisão, acabam de lançar agora o seguinte «slogan»: «Três anos de televisão e precisará de óculos!».



No transporte de Raleigh para Harrisburg foi roubada uma baleia viva com o peso de 55 toneladas. O dono, Mr. Lewis, comunicou o facto à companhia de seguros e indicou o prejuízo de 20.000 dólares, declarando: «Não me afecta tanto o prejuízo material como a perda moral, pois eu gostava muito do bicho».

O preceito não jurar em vão, não conta para os enamorados nem para os lollistas.

Nos Estados Unidos da América transmitem-se diariamente 75 milhões de conversas telefónicas.

Nos Estados Unidos está a ser experimentado um fato de protecção contra temperaturas muito elevadas. Um homem equipado com essa indumentária entrou na câmara de experiências com um braço de lenha. O fogo pegou-se à madeira e o homem nada sofreu. Depois, encantado da vida, levou consigo um grande pedaço de carne para assar e saiu com ele prontinho a comer.



Tendo-se consagrado ao estudo da significação de todas as palavras empregadas nas obras de S. Tomás de Aquino, um jovem jesuíta italiano, Roberto Busa, gastou quatro anos a explicar os diversos sentidos da preposição «em».

Desesperando de poder estudar os treze milhões de palavras que se contêm nas obras da Águia de Apio, o Padre Busa pediu à Companhia Internacional de Máquinas Comerciais um «robot» capaz de o auxiliar na sua tarefa.

Em consequência, cinco «robots» examinaram e classificaram todos os vocábulos utilizados por S. Tomás de Aquino, realizando em 8.125 horas o que o Padre Busa não teria conseguido em toda a sua vida.

O bom senso é o cálculo aplicado a vida.

O que se mostra engenhoso nas costas de outro, costuma encontrar um terceiro mais engenhoso do que ele.

"Os boys" DITAM a moda?



OS rapazes americanos têm, normalmente, possibilidades de gastar uma soma considerável para se vestirem.

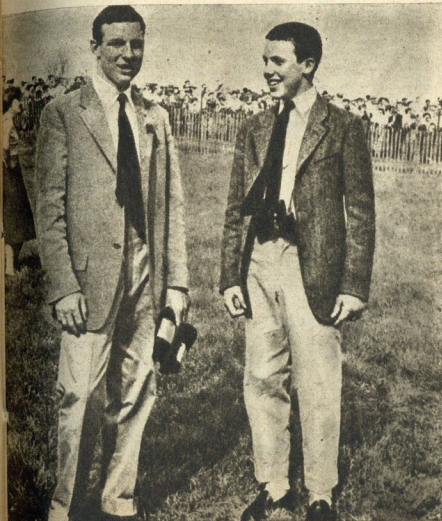
Os dois rapazes de uma das fotos (no campo de corridas de cavalos) usam o clássico fato geralmente adoptado pelos jovens americanos da burguesia, quando frequentam os hipódromos: ca-

saco de «tweed», gravata escura, camisa branca e o inevitável binóculo.

Cada actividade desportiva, de resto, impõe um modo especial de vestir; assim, por exemplo, para assistir aos desafios de «base-ball», os jovens usam camisolas idênticas às dos jogadores e bonés com viseira.

Na outra imagem, está um jovem da burguesia, na primeira vez da sua vida em que se apresenta numa festa com baile. Repare-se no indispensável casaco de fazenda tipo escocês, com calças de «smoking»: uma coisa horrosa para o nosso gosto, mas trata-se de um curioso hábito americano, não há quem o desrespeite.

De qualquer modo, estas imagens constituem um aviso: parece-nos ser de levar na devida consideração — para fazermos tudo ao contrário!





Uma sonâmbula... moderna!

Longe vão os tempos em que os sonâmbulos percorriam, mãos à frente dos ombros e em camisa de noite, escadas e beirais de telhado.

A senhora J. Woolner, que sofre há anos de sonambulismo, numa noite de um dos primeiros dias do ano, durante uma crise do mal, subiu para o seu automóvel e, acompanhada pelo seu cão «Fife», conduziu, dormindo, durante uns 40 quilómetros.

Quando despertou, não reconhecendo o lugar onde se encontrava, pediu à polícia que a levasse a casa.

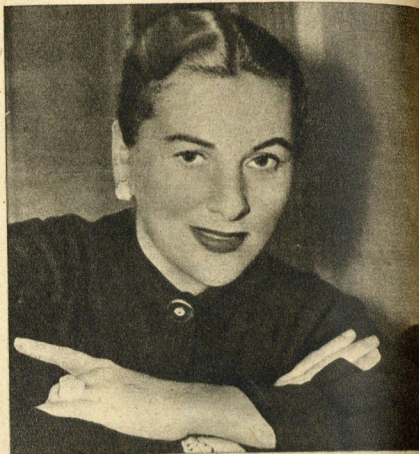
JOAN visitou OLIVIA

Artista Joan Fontaine esteve uns dias em Paris, tendo oportunidade de abraçar a sua irmã Olivia De Havilland, que se casou com o jornalista francês Pierre Galante.

Joan Fontaine encontra-se na Europa para acabar a rodagem de um filme para uma firma produtora inglesa.

Joan tem quarenta anos e Olivia quarenta e um: nasceram ambas em Tóquio e venceram no campo cinematográfico.

Durante alguns anos, as irmãs foram rivais de carreira, mas nos últimos anos demonstraram andar muito de acordo.



OBRIGADO, FOTÓGRAFOS

Já hoje podemos falar da existência entre nós de um autêntico e distinto grupo de fotógrafos que, em muitas e difíceis competições internacionais, têm marcado posição de relevo. Neste pequeno apontamento não pretendemos citar nomes, limitamo-nos a deixar expressa a muita admiração que nos merecem esses briosos profissionais e amadores, os quais têm proporcionado aos leitores páginas de valia, elevando a cotação dos trabalhos dos jornalistas. Muitas reportagens saíram descoloridas se não tivessem a animá-las a sua colaboração.

Uma fotografia anima-as, dá-lhes vida, empresta-lhes o calor e a verdade humanas que, por vezes, a «caneta» não transmitiu!

A eles, simples e delicados profissionais, fica o repórter a dever muitos dos seus sucessos.



Os bailados "Verde Gaio" VÃO CUMPRIR DEZASSETE ANOS

Em breve, os bailados «Verde Gaio» perfazem dezassete anos de existência, pois foi em 1940 — Ano Auroo das Comemorações Nacionais — que o falecido escritor e jornalista António Ferro criou este grupo ballético. Ao longo destes anos, uma interessante obra de divulgação foi já realizada, lastimando-se unicamente que os mesmos não apareçam mais frequentemente em público com trabalhos novos, onde começasse a transparecer a tão desejada evolução técnica, acentuando-se, então, a superação artística das danças populares portuguesas. Porém a colaboração prestada aos espectáculos de ópera tem impedido a necessária continuidade na apresentação de novos bailados.

Todavia, Francis e os seus colaboradores merecem, pelo seu esforço e tenacidade, o nosso inteiro aplauso.

O TELEFONE

A história passa-se num colégio da cidade suíça de Brigue. A lição de física desse dia constou do funcionamento do telefone. Chamado ao quadro, o aluno Rudi desenhou um esquema perfeito. Satisfeito, o professor perguntou depois:

— Rudi, e para telefonar, como faz?

Tratava-se simplesmente de marcar no esquema os contactos necessários.

Ignorando a coisa, o futuro doutor levou a mão direita ao ouvido e murmurou, com a sua melhor voz:

— Allô! Daqui Rudi. Está a ouvir-me?

Estavam, de facto, a ouvi-lo, porque o mestre, furibundo, gritou... da outra extremidade do fio:

— Vá para o seu lugar! Você é um burro!

QUE SABEMOS NÓS DAS MULHERES?

Revista para homens, que as mulheres também gostam de ler, «Crônica Masculina» persegue o objectivo de revelar aos seus leitores varonis como é (ou como poderá ser) a representate do sexo belo.

Assim, como já procedêramos na edição n.º 10, aqui nos permitimos apontar as virtudes que Deus conferiu às mulheres, virtudes que lhes encontramos genericamente, pois não garantimos ter acertado 100% nos casos expostos.

Antes, porém, de conhecer o nosso ponto expandido à guisa de lição... o leitor amigo, máxime se for jovem, explore o seu cérebro, e forme opinião. Só depois deverá confrontá-la com o nosso parecer.

Nós dizemos-lhe o que sentimos e o que obstu o nosso saber de experiência feito. Mas repetimos-lhe a advertência de há quinze dias: não há duas mulheres iguais e cada uma de per si é um enigma.



1 — O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO É MAIS DIFÍCIL PARA AS MULHERES

(Resp. na pág. 14)

2 — AS MULHERES SEGUEM A MODA PARA AGRADAR AOS HOMENS

(Resp. na pág. 20)



4 — POR QUE PREFEREM AS MULHERES QUE O SEU CHEFE SEJA UM HOMEM?

(Resp. na pág. 24)



6 — AS MULHERES SÃO MAIS MOROSAS DO QUE NÓS?

(Resp. na pág. 29)



3 — AS MULHERES TÊM AS MESMAS RAZÕES PARA SE CASAREM QUE NÓS TEMOS?

(Resp. na pág. 23)



5 — AS MULHERES SÃO MENOS DISTRATAS QUE OS HOMENS?

(Resp. na pág. 28)



JAYNE MANSFIELD

— A RIVAL DE MARILYN

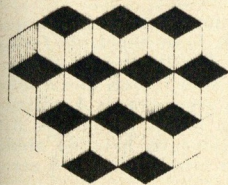
O cinema é um sorvedoiro de beldades. Mais do que o arrebatamento produzido pelas histórias que nos conta e pela sedução descritiva das imagens, a frutuosa indústria do celulóide se alimenta do **sex-apeal**, do **charme** e doutras «virtudes» que os realizadores sabem explorar sobre efeitos calculados: perturbar o cérebro da falange varonil do mundo cinéfilo mercê da exposição plástica da matéria.

A formosura das atrizes, o sortilégio que elas espargem pelas plateias do orbe torna-se quase sempre o **leit-motivo** de certos filmes de série nos quais a arte e a técnica são pormenores acessórios, e que estariam previamente votados ao inéxito se esse condimento aliciante não lhes dissimulasse deficiências de estrutura.

Mas a beleza das mulheres, o encanto pessoal que lhe tributa a juventude é um bem que os anos amortalham. «Estrelas» metafóricas em que cintila apenas brilho exterior e em que mingua a luz do espírito (que no seu mister se chama talento) o desgaste inelutável do tempo acaba por relegá-las para o crepúsculo donde jamais ressurgem. Ontem foi a Dorothy Lamour que se fundiu para todo o sempre na sombra do esquecimento; amanhã, será a Rita Hayworth... e a própria Marilyn logo que lhe fuja a juventude não poderá deter as asas do seu eclipse.

Por isso, os homens não param no afã febril de descobrir novos talentos plásticos, matéria prima considerada imprescindível para a indústria das ilusões, que alimentam, alimentando o misticismo de uma época que a par de grandes conquististas exige as futilidades.

Na sua busca anelante esses homens acabam de lobrigar uma sósia da Venus Moderna, uma nova Marilyn que parece moldada sobre as linhas esculturais da verdadeira e que porventura lhe virá a suceder no Império fugaz da sétima arte. A sua verdadeira graça é Jayne Mansfield. Está incluída no número das loiras cuja fotografia foi mais vezes publicada nos Estados Unidos durante o ano findo. Isso lhe bastou, para obter um papel principal numa peça da Broadway, e um contrato de longo prazo no cinema. Jayne crê que possui todos os requisitos físicos para substituir Marilyn Monroe mas esta parece que, entretanto se tornou uma atriz a valer.



QUANTOS CUBOS
VÊ VOCE?

Como base: 9.
10.—Considerando os negros.
11.—Considerando os lados direitos.

RESPOSTA



CORRENTES DE AR MAIS VELOZES QUE O SOM!

Em Braunschweig-Waggum construiu-se um túnel aerodinâmico, que é, actualmente, o maior da Alemanha Ocidental. Nesse túnel, de forma cilíndrica, podem obter-se condições de pressão semelhantes às existentes a 20.000 metros de altitude. Correntes de ar, mais velozes que o som, atravessam o túnel: A câmara é de aço e tem a espessura de 4 milímetros, estando envolvida de um revestimento de betão. Os efeitos das experiências são medidos e registados fotograficamente, havendo ainda instrumentos que indicam a pressão existente no interior do túnel aerodinâmico.

RESPOSTA À PERGUNTA 1 DA PÁG. 12

Sem dúvida. A mulher moderna porfia pela educação liberal de que nós homens gozamos, e igualmente deseja um bom emprego. Mas a dificuldade está em que, ao constituir um lar, as suas obrigações aumentam em virtude de ter de se dedicar aos filhos e a todos os assuntos domésticos. Isto diminui as possibilidades que a jovem casada tem de estudar. Por outro lado, o homem como passa mais tempo na rua pode aumentar os seus conhecimentos gerais.

ÓPIO

— LETES PROIBIDO



«Ópio? Sim, senhor. Quanto custa um grama? São dezasseis xelins (cerca de 60 escudos), senhor». É assim em Lathuang, onde funciona o mercado livre. O vendedor corta a droga com tesouras. Cinco gramas dão para vinte e cinco cachimbadas.

EXISTE actualmente um acordo entre as nações interessadas na luta contra o tráfico de estupefacientes. Sabe-se também que o controle internacional é mais apertado que nunca. Todavia pode comprar-se ópio num mercado livre. Mas esse mercado não se encontra nos mapas; só se pode alcançar de avião. As quantidades importantes da droga são pagas em prata, com a qual as mulheres que fabricam o ópio dão presentes aos maridos. É este o extraordinário relato que chegou à Repartição Central Permanente do ópio nas Nações Unidas e ao Organismo de Supervisão de Estupefacientes—destinado a fornecer instruções aos governos sobre o controle de estupefacientes.

O tal mercado livre fica situado na Indochina, na aldeia de Lathuang, onde alguns membros de uma tribo de 200.000 habitantes, vivem da cultura e venda do ópio. Um grama de ópio custa 25 piastras—cerca de 4 £—e os pagamentos são feitos em moedas de prata, que não constituem moeda legal em qualquer outra parte do mundo. O pagamento de quantidades superiores a 50 grs. é feito com barras de

ÓPIO!

prata. Vende-se ópio no valor de milhares de libras em cada mercado, mas não se sabe ainda quantos mercados há por ano.

É fácil a esta tribo viver em independência quase completa. A maior parte da selva nunca foi penetrada e as montanhas foram examinadas apenas nas zonas sobrevoadas pelas linhas aéreas regulares. Não admira portanto que o ópio seja cultivado e vendido sem conhecimento do governo de Laos.

*

A descoberta deste mercado acentua a dificuldade do controle mundial do tráfico de estupefacientes. A verdade é que o controle tem sido até aqui uma fachada.

Supõe-se que os governos de todos os países onde o ópio é cultivado enviam estatísticas minuciosas sobre a área de cultivo, colheita, manufatura, consumo e exportação. Mas na prática, vários países não enviam estatísticas, outros enviam relatórios incompletos e, em certos casos, a produção de ópio continua em países que não a autorizam ou que negam ter qualquer conhecimento dela.

Assim, enquanto a produção primordial de ópio e outros narcóticos para medicamentos é conhecida e registada, a produção ilícita apenas pode ser calculada.

Os efeitos são bem conhecidos. Na Pérsia, por exemplo, há 1.500.000 pessoas que fumam 2.000 Kg. de ópio por dia. Anualmente o uso desta droga causa 5.000 suicídios, cerca de 100.000 mortes prematuras e o abandono de cerca de 50.000 crianças.

Estes números foram anunciados recentemente por um ministro persa. Revelou também que a produção ilícita de ópio era muito superior à produção total de 140 toneladas indicada pelo monopólio do ópio do Estado.



Um chefe de aldeia reclinase para os sonhos fantásticos produzidos pela droga. Ele sabe que é um veneno, mas fuma tranquilamente. A continuação da sua linguagem está assegurada. O seu filho tem um filho. E o chefe está satisfeito da vida.



Em Lathuang as grandes quantidades de ópio são pagas com barras de ouro. As transacções avultadas realizam-se em sigilo.



A colheita das cápsulas de ópio é efectuada por mulheres, num vale da região montanhosa, próximo de Lathuang. Em baixo: As incisões são feitas com este pequeno instrumento; o líquido branco que escorre — e seca rapidamente em contacto com o ar — é ópio em bruto; vale o seu peso em prata... para os presentes que as mulheres dão aos maridos.



De facto, disse o ministro, a Rússia produz 700 a 1.200 toneladas de ópio por ano, das quais são exportadas menos de 90 o que significa que num só país se produz ilicitamente mais ópio do que o necessário para as aplicações médicas legais no mundo inteiro.

O que acontece na Pérsia sucede também em escala comparável em muitos outros países.

Não é o ópio o único estupefaciente. Depois de alguns anos de pressão, todos os países conhecidos como produtores de folhas de coca — das quais é feita a cocaína — fornecem à Repartição Central do ópio estimativas da sua colheita.

Mas embora sejam necessárias apenas 700 toneladas de cocaína para utilização médica em todo o mundo, produzem-se mais de 13 mil.

*

Que acontece a este enorme excedente? É mascado principalmente na América do Sul — ou exportado ilicitamente.

Também as plantas a partir das quais é fabricada a morfina não estão sujeitas a controle algum. Ambas são utilizadas em fins comerciais; mas ambas são usadas extensivamente como estupefacientes, especialmente na Índia e no Paquistão.

Onde existe a produção ilícita em grande escala, é quase impossível um controle adequado da manufatura e venda de narcóticos. Os principais países produtores são a Itália, França, Hong-Kong, Líbano, que começou recentemente a manufacturar heroína.

Oficialmente, são necessárias autorizações para a produção de ópio, mas a manufatura de quase todas as drogas é um processo simples; exige uma aparelhagem que pode ser facilmente desmontada e ocultada.

ÓPIO!



De regresso à aldeia da tribo, uma mulher ferve o ópio, e filtra-o diversas vezes. Há uma perda de 30 por cento, mas o que fica para o seu comércio.

O tráfico é tão difícil de descobrir como a produção. Os estupefacientes são sempre transportados em pequenas quantidades, fáceis de esconder. Vigiam-se os portos aéreos e marítimos mas a polícia utiliza principalmente os viciados, vigiando-os até conseguir localizar os «contactos». Só então é possível traçar o caminho até à origem.

Os principais mercados do ocidente são a

Itália e — de longe o maior — os Estados Unidos, sendo noutros países relativamente reduzido.

Não se pense, porém, que o controle internacional não conseguiu nada. Sabe-se muito mais do que nunca acerca da produção de drogas e até mesmo sobre a sua distribuição.

Já se começou. Ao actual ritmo de progresso, é de esperar que dentro de 10 ou 15 anos se reduzam a pequenas dimensões os canais, tal como Lathuung através dos quais podem passar drogas ilícitas.

E aqui têm os leitores a história desconhecida de um dos mais poderosos estupefacientes cujo consumo, nocivo à saúde os governos de quase todas as nações do mundo procuram coibir.

Ópio-Letes proibido!



A tragédia do ópio começa com a juventude do oriente. Nesta foto, dois rapazes de Laos e uma jovem preparam um cachimbo. Quem poderá impedi-los? A resposta é tão remota como a terra que eles habitam.

O MUNDO GIRA

ALTA COSTURA

A guerra, que opôs durante 250 anos o clan Campbell aos Macdonald de Glencoe, parece querer intensificar-se. Os Macdonald que têm ainda o sentido da honra, riram e divertiram-se imenso quando souberam que o duque de Argyll, chefe do clan Campbell, tinha mandado fazer o seu saíote escocês em Paris, chez Lanvin, conhecida casa de «alta costura».

DEMASIADAMENTE CARO

O duque de Windsor quis comprar um retrato de seu irmão, o falecido rei Jorge VI, obra do pintor V. Neubert, exposta numa galeria londrina. Mas era caro demais para as suas disponibilidades: custava 320 escudos.

MARYLIN

O dramaturgo Terence Rattigan comprou um quadro; o estudo surrealista de uma mulher nua. No conjunto, é um mau quadro, que o autor do «Príncipe Adormecido» pagou por 500 francos. O único mérito desta tela é ser assinado por Marilyn Monroe... e ser um auto-retrato.

HÁBITO

Depois de um dia extenuante por ter feito compras na cidade, o casal Silva voltava para casa, de automóvel. Estava uma bela noite de luar.

— Oh, querido — exclamou a senhora Silva — repara que belo luar!

— Quanto custa? — perguntou o marido, distraído.

PEIXES «A MESA»

A acreditar no «Sunday Times», Neptuno já completou o seu trabalho e o «Andrea Doria» pertence definitivamente ao deus do mar. Dois mergulhadores submarinos depararam com os flancos do navio recobertos de uma rede de algas e parece que os peixes já se instalaram na sala de jantar e nas cabines do transatlântico.

O «Andrea Doria» jamais poderá ser posto a flutuar.

ELA PROTESTA

Em Brixham, a senhora Rhoda Clarke recusou pagar o imposto sobre os cães, em sinal de protesto — disse ela — contra as experiências da Bomba H, o rearmamento alemão, a declaração dos direitos do homem e a política do governo inglês.



ARDORES NA ESTAÇÃO DO GELO

As «estrelas» do cinema não podem discernir as estações. Para elas não existem rigores incapazes de suportar. Enquanto a sua idade for primavera, a sua anatomia conhece apenas um clima: o do verão adjunto de Junho, incandescente nas praias da Flórida ou nos lidos artificiais surgidos nos estúdios por obra e graça de cenografistas e fotógrafos. É o que sucede com Ava Gardner, sereia de peregrino encanto, que a arte das ilusões obriga a ver-near pelos oceanos da fantasia quando a temperatura aconselha a vida sedentária dos favoritos pela Fortuna e isentos dos deveres cotidianos.

Mas sorrir e expor-se ao magnésio dos «camaremen» e os olhos ávidos dos seus admiradores é afinal dever imposto pelo ofício de «estrela»...



June de Witt, aplaudida artista de circo é mulher temerária, tem dois gêmeos, Ronnie e Larry, que são todo o seu enlevo. E eles retribuem esse afecto assistindo a todos os espectáculos em que a sua mãe actua. O número do elefante não os deixa indiferentes, apesar de visto dezenas de vezes. «Oh! repara... A mamã está debaixo daquele monstro!»

Resposta à pergunta 2 da Página 12

Existem 3.419.231 razões pelas quais as mulheres desejam usar vestidos formosos, jóias e adornos. Não nos é possível enumerar aqui cada uma dessas razões, mas vamos citar algumas: o gosto natural pelas coisas bonitas; o prazer que o sexo belo sente quando se vê loução ao espelho; a ambição de vestir elegantemente; o anseio de eclipsar as outras mulheres em geral e algumas em particular, e para terminar: a sensação de opulência e de capacidade económica, que quase sempre é um calvário para os maridos — ou para os pais.

A nossa capa

Ignoramos quem terá sido o inventor da patinagem mas fácil nos é adivinhar que esse homem possuía um talento muito de geometria e de fantasista. Nenhuma outra prática estético-desportiva alcança tão raro enlevo como a arte de bem patinar. O desenho etéreo das figuras, o recorte gráfico da coreografia, os arabescos de subtis contornos, as volutas que imprime e traça, atiram-nos aos olhos uma fascinação sem par.

A capa da presente edição da «Crónica Masculina» é um documento vivo desse espectáculo de magia, que maior enlevo assume quando a intrépeta é, além de patinadora exímia um mimo de graças e de perturbadores encantos. E tais prodígios de curvas (os da patinadora e os da manifestação que ela executa) associe-se ainda o milagre conseguido pelo fotógrafo que fixou o instantâneo numa fracção de segundo.



RITA volta a FILMAR



DESTA vez para representar o papel de uma dama de porte duvidoso. Rita Hayworth, há cerca de uma década tão cantada pelos críticos internacionais de cinema, ofuscou o seu prestígio de actriz com casamentos e divórcios sucessivos, de tal modo que dificilmente pôde recuperar a posição perdida. Interpreta agora, um novo filme ao lado de Robert Mitchum. A película intitula-se «Fire Down Bellow», e o seu nome deriva duma antiga canção dos marinheiros ingleses. A acção desta película desenrola-se nas ilhas do mar das Caraíbas.

As imagens mostram-nos a inesquecível intérprete de Salomé no seu novo trabalho.

OS EXEMPLOS VÊM DE CIMA...

Já tivemos ensejo de referir as soluções (algumas bem pitorescas) para o problema criado pela falta de gasolina na Grã-Bretanha como em vários outros países europeus.

Aqui temos mais um caso. Em Blackpool, o presidente da edilidade, Mr. Herbert Henson deu aos seus munícipes belo exemplo de economia do precioso carburante. Todos os dias, Mr. Henson vai para a câmara local de bicicleta, e para que os administrados o vejam bem e não se esqueçam do alto cargo que exerce leva sobre os ombros as insígnias da sua alta dignidade.





A VIDA ROMÂNTICA

(Resumo dos números ant.)

Van Gogh nascera sob maus fados. Criança irrequieta tão propensa ao furor como à ternura sempre se mostrara pouco sociável.

O pai, modesto pastor evangélico, convencido do nulo aproveitamento de Vicente, não o mandou estudar.

Até aos dezassete anos, Van Gogh levou uma vida solitária: passeou sozinho pelos campos, monologando coisas ininteligíveis. Ao atingir aquela idade foi colocado na sucursal em Bruxelas da galeria de arte parisiense de Goupil, mas devido à sua falta de assiduez, não tardou a ser transferido para Londres onde se enamorou da filha de sua hospedeira. A esse amor que, no génio da pintura alcançou altas labaredas de paixão, a linda londinense não tributou a mínima ternura. O desengano sofrido assumiu no jovem Vicente aspectos de loucura o que se reflectiu na sua actividade profissional. Novamente transferido desta para a sede da Goupil, o ambiente mais não lhe propiciou a sua reabilitação como empregado.

Regressado à sua terra Natal, abraça a carreira de evangelista, mas a ausência de dotes para a vida nova que pretende abraçar fraudam completamente essa illusão que o alimenta. A seguir mergulha na pobreza extrema.

Numa tentativa desesperada de o recuperarem para a vida, os parentes acolhem-no. Vai estudar pintura com o primo Mauve, mas

num ápice rompe com ele para ir coabitarem com uma mulher de costumes fáceis, que só abandona mercê da intervenção do irmão Theo. Caminha a passos largos para a demência mas, por sinal datam dessa época as suas primeiras obras.

Volta de novo ao presbitério de Neunen e outra mulher entra no seu coração: Margot. Esse amor transforma-se num drama e a rapariga intenta o suicídio.

Vicente abandona Neunen e no seu deambulante errante chega a Montmartre onde trava relações com dois pintores de prestígio já firmados. Henri Toulouse-Lautrec e Paul Gauguin. O primeiro aconselha-o a abandonar o Midi e o segundo leva-o consigo para a Provença maravilhosa.

A benignidade do clima e a idílica paisagem da mais bela provincia francesa, instiga-o a caricaturar os pinceles. Vicente, deslumbrado, convence-se de que encontrou, finalmente o caminho exacto. Mas...

Tudo para ele era maravilhoso: a paisagem e as mulheres, belas como figuras de Giotto. Mas no Midi as noites são tão formosas como os dias. Para pintar as noites estreladas, Vicente permanece desperto e alumia a tela com uma velinha que coloca em cima da cabeça. Depois de uma crise de solidão, invoca a companhia do amigo Paul Gauguin. Este chega de Paris para viver com ele em Arlés, mas o convívio entre os dois torna-se tempestuoso.

Ambos amam a pintura, mas no mais e no resto não estão de acordo. Um dia, Vicente para se castigar de ter obrigado o amigo a refugiar-se numa pousada, cortou uma orelha e levou-a num copo, a uma rapariga de costumes fáceis. Isto foi o princípio do fim. Acudiu o irmão Theo e fez internar Vicente no manicomio de Saint-Remy, aldeia perto de Arlés. Vicente tem horror à loucura, mas anui em entrar para a casa de saúde. Nos momentos de lucidez torna-se o anjo bom dos outros doentes e trabalha. Mas já não pode acalentar ilusões. Quando a crise se aproxima, sente que a loucura o invade e treme de angústia. Chama o médico e os enfermeiros para que o impeçam de cometer más acções.

Durante uma pausa da sua enfermidade, Vicente vai a Paris, onde o irmão Theo, casado no ano anterior, tivera um filho ao qual pôs o nome de Vicente Guilherme. Emocionado, o tio oferece ao sobrinho um casal de andorinhas.

A ÚLTIMA ETAPA

A última etapa terrena de Vicente Van Gogh ocorre em Auvres-Oise, para onde Theo o leva a viver com o doutor Gachet, pessoa de bom coração e amigo do pintor. Entre o médico e o doente estaleceu-se amizade muito íntima e Vicente pinta um retrato estupendo do homem que o trata. Mas depressa aquela amizade se turba. Como já acontecera com Gau-

DE VAN GOGH

guin, Vicente ameaça de morte o seu amigo. Depois, sob o olhar deste, acalma-se e pede perdão.

Entretanto continua a pintar; trabalha sempre, mas sente que as forças o abandonam. Um dia, que o mal lhe dá tréguas, aproveita para fazer a sua última viagem a Paris. Aqui encontra novamente os seus amigos, entre quais Toulouse-Lautrec. Já não é um homem: é um espectro com olhos alucinados.

E numa tarde em que o doutor Gachet não está em casa ocorre a tragédia. Vicente aparentemente tranquilo, assoma à varanda. Junho está no fim; é pleno verão. No campo, as messes cobrem-se dum orvo deslumbrante. Mas sobre elas um corvo voa, quase roçando o solo. Vicente pega numa pistola e sai, dizendo que vai disparar sobre o corvo que o importuna. Ninguém suspeita da intenção de se suicidar. Tão pouco ele pensa em causar nenhum mal; pretende apenas afastar o corvo que mancha de negro o amarelo das messes.

Desce da casa-hospital e afasta-se. Mas, à medida que se embrenha no campo, os seus olhos abandonam a realidade que os rodeia para alcançarem mais longe, fora do que é palpável. Está outra vez em Arlés e toda a vegetação lhe acena.

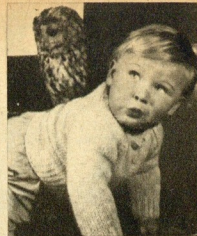
Vicente puxa da pistola e aponta para o céu. Leva a mão ao gatilho... De súbito, um pensamento o assalta. O corvo está dentro dele, no meio do peito. Lentamente baixa a arma e encosta o cano ao coração, e, sorrindo-se, prime o gatilho.

Quando Theo chega à cabeceira do irmão, este continua a sorrir, o sorriso que jamais se apagará nele. É finalmente, um homem sereno. As últimas palavras que lhe saem dos lábios são desesperadas, mas não o é o tom em que as diz: «A miséria nunca mais acaba».

Para ele tudo terminara. A vida terrena de Vicente Willem Van Gogh, o menino das duas almas, o homem que tinha o inferno no cérebro, durou trinta e sete anos. Depois iniciou o caminho da imortalidade, ao mesmo tempo que os homens começaram a compreender que um novo génio tinha vivido entre eles.

F I M

O MENINO E O MOCHO

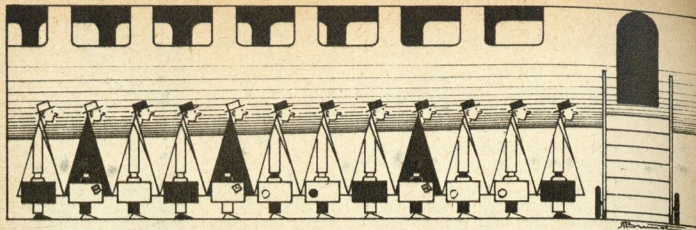


A fértil imaginação dos fotógrafos encontrou

o convívio dos animais com as crianças inesgotável fonte de motivos para as suas câmaras. Os grandes magazines de todo o mundo com ajuda de repórteres hábeis, têm explorado à sociedade esse filão. A cada passo ilustram páginas e páginas com a entente cordial que os inocentes celebram com os bicharocos mais feroces e menos sociáveis. Todavia permitimos hipotecar a raridade do instantâneo que pretextou estas nótuas. Não queremos, evidentemente exalçar a expressão feliz, curiosamente rica do pirralho, já de si pomenor digno de ilustrar uma revista. Referimos tão-sómente à sua estranha convivência com volátil que vive nas trevas. Tão singular associação de figuras, pode, quíçá, resumir-se numa legenda: a carne animal do caos precedente ao «fiat» e a radiosa luz na infância que desperta.

Resposta à Pergunta 3 da Página 12

Até certo ponto. A mulher, deseja como nós uma companhia e pensa no seu infinito que se traduz nos filhos. Mas os homens parece que não reflectem tanto no futuro, ao passo que as mulheres ambicionam uma segurança a longo prazo, não só porque têm de criar os filhos como também porque necessitam de um lar de apoio económico e de amor constante. O matrimónio faz mudar muito mais a vida de uma mulher que a de um homem. Ela tem de abandonar a família para se casar e as consequências deste facto são muito mais sentidas nas representantes do belo sexo do que em nós, homens.



VOCÊ SERÁ BOM DETECTIVE?

Para evitarem ser reconhecidos no momento em que sobem para o avião, dois gêmeos, malfiteiros perseguidos pelas autoridades, convidaram dez dos seus cúmplices a vestirem-se como eles, a fim de enganarem a polícia. Mas os cúmplices não encontraram exactamente o necessário. Poderá o leitor, antes dos trinta segundos que faltam para a partida do avião, descobrir os dois bandidos, que são absolutamente idênticos?

RESPOSTA A PERGUNTA 4 DA PÁG. 12

Ainda recentemente se realizou na América um inquérito sobre este assunto.

As inquiridas indicaram as seguintes razões: 1) as mulheres sentem-se mais chefes que os homens; 2) se uma jovem empregada é mais atraente ou veste melhor que a sua chefe, esta sente ciúmes dela; 3) são mais susceptíveis que os homens; 4) dão instruções e depois mudam de parecer; 5) os homens, por natureza sabem melhor fazer executar as suas ideias.

○ Mestre executa

O bailado acrobático é uma arte de eleitos. Exige requisitos que nenhuma outra manifestação impõe; obediência de músculos poder de elevação, agilidade extrema e destreza invulgar. O movimento das figuras nos passos interpretativos de trechos musicais impõe treinamento constante, intenso, aturado mercê do qual os artistas conseguem as perfeições de técnica.

A gravura que damos à estampa revela a preparação adequada a que se submete um jovem casal de bailarinos do espaço. Ele, um mestre consumado no difícil minus que escolheu exercita-se sobre os degraus de uma escada, o que torna perigosa a sua preparação, ela a parternaire e a esposa coíbe ensinamentos. Ambos sorriem para a objectiva mas o seu sorriso não diz alegria por uma actividade que impõe extremos sacrifícios. É um sorriso de circunstância composto adrede para a publicidade que os ajudara a vencer a escala pedregosa da sua carreira.



O engenho dos homens revela-se

COISAS PARA O VERÃO ...

PENSAR já no verão, será prematuro. Todavia, no certame realizado em Wiesbaden por iniciativa da União Desportiva Alemã, em que se exibiu toda a espécie de material para desporto, figuraram também inovações para a praia. Uma das mais notáveis — e notadas — foi a barraca portátil (figura 1) que, armada permite aos veraneantes despirem-se e envergarem os fatos de banho dentro dela, com toda a comodidade; e desarmada é fácil de transportar, não só pelo seu reduzido volume (quarenta e cinco por cinquenta centímetros) como também pelo seu formato, sem ângulos incômodos.

Outra novidade desportiva foi o colchão pneumático (figura 2) que permite ao banhista contemplar o que se passa debaixo de água através de uma janela, enquanto navega recostado. A formosa jovem que faz a demonstração — em seco — exhibe ao mesmo tempo luvas de pés de pato para nadar.



... E COISAS PARA O INVERNO

Na mesma exposição foi apresentado um invento para excursões campistas com tempo frio: o aquecedor portátil de raios infra-vermelhos (figura 3) que nos envia o calor de sol, dando a sensação de que estamos ao sol.



O PRINCE CARLOS de Inglaterra

AGUARDAVA ANSIOSAMENTE O REGRESSO DO PAI

A família real inglesa, separada havia quatro meses, reuniu-se há dias em Setúbal. O Duque de Edimburgo, que partiu de Londres em 15 de Outubro passado, só agora regressou ao seu país.

Na verdade, a sua ausência não tem feito muito alarde no grande público. Em 19 de Outubro estava em Seychelles; em 25 em Ceilão, visitas pouco espectaculares. Renunciou tocar em Singapura, pois tinham-se dado, pouco antes, graves tumultos.

Presidiu em 22 de Novembro à abertura dos Jogos Olímpicos em Melbourne. Esteve na Nova Zelândia e no Antártico que receberam o duque sem tambor nem trombeta. O periplo terminou nas pequenas ilhas do Império: Decepação, Falkland, Gough, Tristão da Cunha, com Santa Helena e Ascensão para últimas estradas. Nestas andanças foram percorridos mais de 50.000 Kms. em volta do globo. Festejou o Natal em pleno Pacífico e tomou o seu primeiro pequeno almoço deste ano na cabana de um explorador a 2.800 Kms do Polo Sul. Causou alegria entre os filatelistas pois quer as cartas franqueadas em Santa Helena, na Ascensão e Tristão da Cunha foram obliteradas com sinete especial: «Visita de Sua Alteza o Duque de Edimburgo, em Janeiro de 1957», ornamentado com uma coroa ducal.

Todos os dias, graças ao posto de rádio do «yacht» real Britania, Philip pôde conversar com sua mulher e com os seus filhos a milhares de quilómetros distantes. Causa-lhe cuidados a educação do filho, pelo que resolveu não prolongar a viagem.

Carlos tem 8 anos, idade que torna necessário a presença do pai. Se Philip está ausente desde 15 de Outubro, já tinha viajado com a rainha pela Nigéria, assistido aos exercícios da armada no Mediterrâneo, e fora também aos Jogos Olímpicos Equestres na Suécia. Portanto, Carlos está há quase 1 ano sem ver o pai.

Um pouco antes do Natal, inquieta por ver o príncipe indisciplinado, a Rainha Isabel viu-se na necessidade de chamar para o forçar a trabalhar um pouco o jovem príncipe e com ele jogava ao ar livre Michael Farebrother, um solteiro de 37 anos. Este conhece a família real desde há anos. Era professor em Saint-Peter com 85 rapazes para disciplinar quando rebentou a guerra. Voltou à sua unidade e foi encarregado especialmente de vigiar a segurança da família real, sobretudo quando dos bombardeamentos aéreos. Foi assim

que travou amplo conhecimento com Jorge VI, a rainha e as princesas. Em 1947, deixou a farda no posto de capitão. Farebrother volta ao ensino. Atleta completo, com preferência especial pelo «crockett», ensina inglês, latim e história. É um narrador notável que encanta os auditórios juvenis. Isabel viu-o num «garden-party» no Palácio de Buckingham e lembrou-se dele quando Carlos manifestou veleidades de independência incompatíveis com a educação dum príncipe de 8 anos.

Carlos precisa de ser levado por uma mão enérgica. Miss



Helen Lightbody, a aia que dele se ocupava desde o nascimento dentro a casa real em fins de Outubro. A partida prometeu à rainha não escrever as suas memórias.

Foi Miss Katherine Peebles, governanta do príncipe e de sua irmã Ana, que se ocupa sôzinha dos dois pequenos. Estava em férias nas Festas do Natal, mas recomeçou logo as suas lições com Carlos.

Solução provisória, pois que nada estava decidido para a primeira fase séria da educação do rapaz embora se pensasse que Michael Farebrother seria nomeado tutor a título definitivo.

Antes da partida do duque

a rainha tinha discutido com ele as vantagens e inconvenientes de tal ou tal método de educação. Não é segredo para ninguém que o duque desejava ver o seu filho interno num colégio onde o carácter do príncipe se pudesse formar duma maneira mais segura que no bulício dum palácio. A rainha pelo contrário prefere ter o filho junto de si e confiar a sua educação a professores cuidadosamente escolhidos à mão.

Atendendo ao regresso de seu pai e a uma decisão final, Carlos retomou as suas lições com a escocesa Miss Peebles («Missy»). As lições começam às 9 horas e meia, depois do príncipe abraçado sua mãe, de se ter inclinado respeitosamente diante dela. São dadas no 3.º andar do Palácio e duram toda a manhã. Os ver-dos franceses e as fracções simples constituem a sua principal dificuldade. Foi neste mesmo local que as princesas Isabel e Margarida receberam as carteiras desapareceram.

O programa escolar de Carlos compreende gramática inglesa e francesa, aritmética já com multiplicações e divisões, história da Inglaterra, geografia universal, leitura, escrita e desenho. Em breve, principiará o estudo do alemão.

Em geografia, Carlos beneficia do facto de seus pais viajarem com frequência e enviarem-lhe de todos os cantos do mundo postais ilustrados, revistas e filmes. Nas paredes das salas de aula que divide com sua irmã Ana, estão fixados mapas onde o príncipe ajudado por Miss Peebles assinala com pequenas bandeiras a passagem dos seus pais. Ocasião sublime para o professor lhe falar no respectivo país.

A lição preferida pelo príncipe é a pintura. É um artista de palmo e meio, dotado dum sentido muito vivo de observação e duma imaginação desenvolta.

A sua curiosidade é insaciável, as suas palavras favoritas são: «onde», «como» e «porquê?». Escuta religiosamente as respostas. Trava conversa não pelo simples prazer de falar, mas por desejo de conhecer.

Há algum tempo, Miss Vacant, professora de Isabel quando era princesa, volta ao palácio de Buckingham com a sua sobrinha Betty e um pianista para ensinar dança a Carlos e a Ana. Doze amiguinhos e primos se juntam na aula e lição e uma grande animação reina então no salão a isso destinado. Há também as lições de piano com a «virtuose» Hilda Bor. Ana toma parte.

Duas vezes por semana, em Daimler que pertenceu à Rainha Mary sua avó, Carlos vai a uma escola particular de Chelsea onde faz ginástica com outros 14 rapazes. Vai a uma escola frequentada por gente burguesa e nela não há um só filho aristocrata. Volta ao palácio merendar com dois ou três camaradas e com eles joga até ao jantar. Três outras tardes da semana são consagrados ao «foot-ball»



O Príncipe Carlos e sua irmã, a Princesa Anne, gostam muito de cães.

numa escola de Hansplace, na Knightsbridge.

Ninguém chama o jovem príncipe por «Vossa Alteza» ou «Sir». É Carlos para os seus amigos e família e Príncipe Carlos para os outros. Para ele a rainha a «Mummy» e o duque, «papa», a rainha-mãe (avó dele), «Grany» e a princesa Margarida, «Margo».

Na sala que serviu de aula a Jorge VI, está instalado um comboio eléctrico que a guarnição de Gibraltar ofereceu a Carlos. Não se sabe se isto diverte mais o pai se o filho, quando o comboio larga a toda a velocidade em volta da reprodução do famoso «Rock».

Ana é melhor cavaleira que seu irmão. Carlos monta Gleensleaves, um poney do País de Gales e tem agora Zaman, poney cossaco, presente de «Bek».

Muito alegre, amigo dos jogos viris mas nada brutal, Carlos é um rapaz encantador. Mas neste momento, é como os outros rapazes de 8 anos: é necessário que o pai volte.

F. ALMEIDA

O MUNDO GIRA

«O PAÍS SEM JUSTIÇA»

Milovan Djilas, ex-amigo de Tito, foi preso. Motivo oficial: artigo escrito para uma revista americana, em que Djilas se mostra severo para com a Rússia e o comunismo em geral. A razão foi, na verdade, outra. Djilas escreveu as suas memórias, e revela os «subterrâneos» do comunismo jugoslavo. Tito proibiu a publicação dessa obra; mas Djilas conseguiu fazer passar secretamente o seu manuscrito para a América, com o fim de ser publicado sob o título «País sem Justiça». Djilas foi preso para evitar a publicação.

LOCOMOTIVAS ATÓMICAS

O doutor Goessl, engenheiro dos Caminhos de Ferro alemães e especialista dos assuntos atómicos, elaborou os planos de uma locomotiva de tracção atómica, com um peso de 175 toneladas e cujo motor teria a força de 5.916 cavalos; daria muito mais rendimento do que uma locomotiva a vapor. A sua construção ficaria por dois milhões de marcos. Os Caminhos de Ferro alemães acolheram favoravelmente este projecto e pensam executá-lo.

O PADRINHO É UM AUTÓMATO

A «sigmamyline», o mais novo dos antibióticos, anunciada como uma droga-milagre, eficaz em muitas doenças, foi baptizada por um autómato. Desesperando de encontrar um nome para o antibiótico, os seus criadores confiaram a um cérebro electrónico uma quantidade «sortida» de sílabas, e esperaram pela resposta. Ela veio: «sigmamyline».

RESPOSTA À PERGUNTA 5 DA PÁGINA 12

Recentemente um famoso psicólogo realizou um estudo altamente fénico acerca das qualidades que assinalam um e outro sexo e concluiu que as mulheres são menos distraídas que os homens. Com efeito é muito raro ver uma mulher com uma peça de vestuário que destoe no conjunto da sua indumentária, mas em contrapartida há cavalheiros que saem com um colete de um fato diferente, com a gravata sem fazer o nó, etc.

Na maneira de vestir «elas» são mais concentradas, mais reflectidas. Mas no mais e no resto, valha-nos Deus, que não podemos passar sem elas...



JEANNE CRAIN

RECONCILIOU-SE

Esta imagem e a respectiva notícia confirmam as que, num dos números anteriores e glosando o mesmo tema, publicámos com certas reservas. Acontece que o tempo nos deu razão: Jeanne Crain e Paul Brinkman, o marido, reconciliaram-se, e não pensam já no divórcio.

Premiada como «mãe exemplar de Hollywood», a artista levantara celeuma, o ano passado, ao anunciar o seu divórcio. Por isso, a clamorosa reconciliação atraiu as atenções do público.

Jeanne Crain nasceu há trinta e um anos, em Barstow (Califórnia).



Resposta à pergunta 6 da Pág. 12

Não. A companhia Skip Tracer dos Estados Unidos, verificou, que as filhas de Eva raras vezes iludem ou se furtam aos seus credores. Limitam-se a mandar o Joãozinho à porta dizer ao cobrador que «a mamã não está em casa». No entanto aquela entidade afirma que quando as mulheres aprendem a administrar bem uma casa, demoram menos que os homens a pagar as suas contas. Sobre tudo se têm o dinheiro preciso não procedem como muitos cavalheiros que se recusam a pagar as suas dívidas.

A CORTE QUE DANÇA

A Grécia Clássica, criadora da Beleza e da Razão teria também acautelado nas fal-das da sua aerópole duas fórmulas destinadas a congregar os homens: a dança e a democracia.

Na Grécia dos nossos tempos, tais manifestações não se extinguíram de todo. Continuam a dar-se as mãos, a destruir formalismos protocolares, a promover a fraternização do povo com os mais altos dignatários da corte, senão com os próprios monarcas.

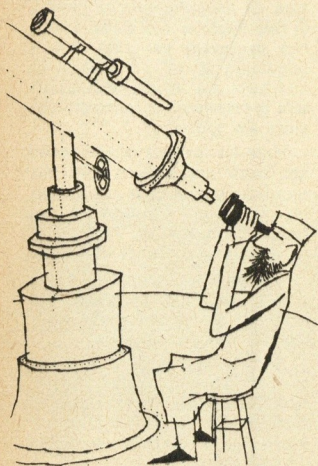
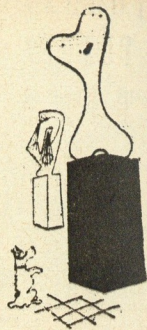
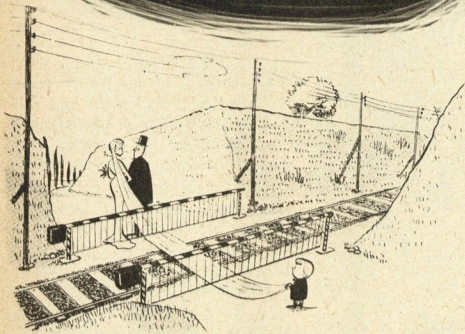
Ainda há poucos anos (a gravura da esquerda produz prova), o Rei Paulo e a Rainha Frederica dançavam nas ruas com a população e os soldados, sem que estes ou aquela minimizassem o respeito e a veneração devidos aos soberanos.

Hoje os hábitos régios estão um tanto mudados, o que não significa, porém, que os monarcas helénicos apostatassem ao credo da música ou fiquem insensíveis à atracção do ritmo.

Simplemente exercitam o seu prazer nos salões palacianos em recepções grandiosas a que assistem convidados especiais.

A corte de Atenas é uma das mais elegantes da Velha Europa. A Rainha Frederica encomudou recentemente ao famoso Dior um guarda-roupa avaliado em cerca de 840 contos.

Sorrisos a lápis



FOTOGRAFA A FUTURA VITÍMA!

Esta imagem (realizada no inverno de 1954, em Eastbourne, durante uma «soirée» mundana em que se realizou um desfile de automóveis) ganhou últimamente grande actualidade.

A circunferência branca indica o tristemente célebre médico John Adams, o doutor inglês acusado de ter assassinado um número ainda não averiguado de viúvas.

Munido de máquina fotográfica e «flash», tenta retratar uma elegante (embora já não muito nova) senhora, que passa ao lado de um faisante Rolls-Royce. Ela chamava-se Gertrude Hullet e contava cinquenta anos de idade. Adams foi acusado de a ter assassinado em Julho de 1955, para herdar o Rolls-Royce!



O sorriso de Eva

Eva Marie-Saint, uma das mais simpáticas e jovens actrizes do actual cinema americano, posou para os fotógrafos ao lado do marido Jeffrey Hayden, que produziu alguns filmes na Europa.

Eva alcançou os primeiros lugares entre as artistas de cinema pela sua interpretação em «Há lodo no cais», sob a direcção de Elia Kazan.

Nesse filme, Eva Marie-Saint trabalhou ao lado de Marlon Brando e a sua acção foi justamente distinguida com um «Oscar» da Academia de Cinema de Hollywood.



MAIS UMA "GATA BORRALHEIRA" DO SEC. XX

O príncipe Constantino de Schaumburg-Lippe casou-se secretamente, no último dia do ano de 1956, com a dactilógrafa Sigrid Knape, depois de um idílio que se prolongara durante seis anos. À cerimónia assistiram somente três pessoas. Os pais do príncipe só souberam do casamento quando este já se realizara.

O príncipe e a dactilógrafa tinham-se conhecido durante um baile de máscaras. O príncipe agora o sentimento no altar.

Versão moderna e real das histórias de príncipes e de pastoras.

O príncipe Constantino, com seus pais, que só foram informados da decisão do filho quando já nada podiam objectar.

Constantino pertence a uma das mais nobres famílias alemãs (é aparentado também com o príncipe consorte da Holanda) e tem 25 anos de idade. Sigrid, uma fugitiva do Este, tem 27 anos.



O príncipe e a esposa Sigrid Knape, fotografados logo depois da cerimónia nupcial.



Neste número

O MESTRE
EXEMPLIFICA
E A
DISCÍPULA
OBSERVA



UMA ESTRÉLA TEMERÁRIA

O MENINO E O MOCHO

N. 12

PREÇO 18